

TARALLO, Fernando (1990) *Tempos Lingüísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo, Ática.

Resenhado por: Denise Drumond DE CAUX
(Universidade Federal de Minas Gerais)

Para quem está habituado a manuais tradicionais de Lingüística Histórica, ler *Tempos Lingüísticos...* constitui uma bela surpresa, uma tarefa ao mesmo tempo útil e agradável. Útil, porque Fernando Tarallo confere um caráter científico à disciplina, utilizando-se de metodologia e pressupostos teóricos bem definidos. Agradável, pela forma que o autor deu ao livro, consequência de suas preocupações não só científicas, como didáticas. Assim se justifica plenamente a metáfora do "túnel do tempo", segundo a qual, para se ter acesso à história e estrutura da língua portuguesa, devemos ter em mente duas coisas: a) é necessário termos um método que reflita a realidade da língua (ou corremos o risco de sermos soterrados!) e b) nessa entrada no túnel lingüístico do tempo, vamos deparar com um sistema "vivo e dinâmico", qualquer que seja o ponto onde escavemos, por menos ou mais remoto que esteja de nós. E assim se desfaz a separação tão rigorosa entre sincronia e diacronia, na medida em que um estado lingüístico não é mais do que uma continuação ou uma antecipação de outros estados.

Tempos Lingüísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa divide-se em quinze capítulos, que compõem três partes. A primeira parte (cap. 1 a 5) pode ser intitulada "Teoria e Método". A segunda (cap. 6 a 13), "Aplicação da Teoria e do Método" e a última parte (cap.14), "Aplique a Teoria e o Método".

No primeiro capítulo, Tarallo apresenta dois textos do português, de épocas diferentes (um de meados do século XIX e outro do primeiro cartel do século

XVIII) para ilustrar que, em qualquer ponto do tempo por onde começarmos nossa pesquisa, estaremos diante de um sistema vivo e dinâmico (portanto mutável e mutante), onde há resíduos de um estado passado e esboços de um estado futuro. Nesse ponto, dois textos teóricos são contrastados: no texto A, opta-se por uma separação entre sincronia e diacronia; no texto B, prega-se a "heterogeneidade sistemática", onde variação e mudança são figuras indissociáveis. Tarallo faz sua opção pelo texto B (de Weinreich, Labov e Herzog), bilhete de viagem necessário para se empreender uma busca segundo uma perspectiva dinâmica.

No segundo capítulo, Tarallo faz um apanhado geral sobre três métodos de investigação diacrônica: o método comparativo, a teoria das ondas e o método da reconstrução interna, levantando a questão (sem dar uma resposta definitiva) sobre a possibilidade de utilização de um método eclético, de acordo com o objeto que se quer abordar.

O terceiro capítulo é uma discussão detalhada do conceito de "regularidade", que subjazeu a todos os métodos de pesquisa diacrônica do século XIX. Tanto a proto-língua (para os comparatistas) quanto a pré-língua (para os "reconstrucionistas internos") constituíam um oásis de formas regulares (ou forçadamente regularizadas?) que diferiam inegavelmente do status real da língua, que é seu caráter intrinsecamente heterogêneo. Tarallo passa, então, a discutir a escola neogramática e os princípios que nortearam sua prática: o princípio da regularidade da mudança fonológica e o princípio da analogia.

No quarto capítulo, temos um detalhamento dos pressupostos teóricos e metodológicos anunciados pelo texto B, cuja idéia central é a da "heterogeneidade sistemática". A partir daí, o autor explicita a metodologia da investigação, enumerando as cinco etapas da pesquisa e os princípios que balizam a teoria.

No quinto capítulo, o autor contrasta duas concepções diferentes da mudança fonológica: a neogramática e a difusionista. Para os neogramáticos, como a unidade básica de mudança é o som, a mudança deve ser foneticamente gradual e lexicalmente abrupta; para os difusionistas o processo é exatamente o contrário, uma vez que a unidade básica é a palavra.

A posição de Labov (endossada por Tarallo) ante a controvérsia é colocada: uma tentativa de conciliação das duas concepções. Segundo ele, as mudanças se dividiriam em "mudanças de fonemas" e "mudanças de palavras", havendo processos fonológicos que se comportariam de uma ou outra maneira.

A segunda parte do livro se inicia com o capítulo seis, onde Tarallo, através de vários textos, de vários autores, especula sobre a questão de haver ou não uma língua brasileira, em contraponto com uma língua portuguesa. Há uma breve discussão sobre as histórias externas do português do Brasil e de Portugal, uma proposta de periodização da língua e uma explicação para a fragmentação lingüística da România e para a unidade do português. Mas, no início do capítulo, Tarallo já alertara que, seguindo o princípio uniformitário, tanto fará se tomarmos o português lusitano em relação ao latim vulgar ou começarmos a pesquisa pelo português do Brasil: as forças que atuaram (ou atuam) na mudança serão as mesmas, sendo os resultados provavelmente os mesmos.

O capítulo sete é a entrada no túnel propriamente dita. Nele Tarallo discute a questão da evolução das vogais a partir do latim até o português. Assim, das dez vogais do latim clássico, o latim vulgar manteve e passou ao português somente sete. Se por um lado perdeu-se a quantidade das vogais, por outro ganhou-se uma nova distinção fonêmica, a partir da abertura e fechamento das vogais /e/ e /o/. Essa reorganização fonêmica corporifica o que Tarallo chama de sistema vivo

e dinâmico.

No capítulo oito, Tarallo aborda as mudanças consonantais na passagem do latim para o português. Houve efetivamente um ganho no que concerne à simetria do quadro das consoantes, onde "novas conquistas fonêmicas" se tornaram presentes no português. Ao abordar a tendência de cancelamento das consoantes finais do latim na passagem para o português, Tarallo antecipa uma nova reorganização do sistema, com reflexos na estrutura morfossintática do português.

No capítulo nove, Tarallo irá tratar das perdas morfológicas do português em relação ao latim (redução de gênero, número e caso dos substantivos, tempos verbais etc.) relacionando-as estreitamente a mudanças fonéticas que teriam ocorrido num primeiro momento. Aplicando o princípio uniformitário, ao tomar casos presentes do espanhol e do português, ele justifica essa sua posição.

Continuando sua viagem no túnel morfológico, ele tratará, no capítulo dez, dos ganhos que o português teve em relação ao latim. Novamente o autor frisa a interpenetração das mudanças lingüísticas: divide os ganhos entre encaixados (preposições) e não-encaixados (pronomes pessoais e artigos). Com dados do português presente, Tarallo propõe que esses últimos podem, num momento posterior, transformar-se em ganhos encaixados dentro do sistema em variação.

No capítulo onze, o autor inicia sua viagem pelo túnel sintático, onde é tratada a questão da ordem das palavras no português. Ele examina os mecanismos da colocação, regência e concordância, concluindo que a causa da mudança no conjunto sintático português foi a perda do sistema de casos do latim, o que ressuscita a questão do encaixamento da mudança.

No capítulo doze, Tarallo trata da questão da conexão de sentenças, mais precisamente, do processo de subordinação no português. No latim, a posição de COMP era sempre preenchida, por um inventário rico de for-

mas, que foram bastante reduzidas no português. Subsistiu, basicamente, o conetivo QUE (com função de pronome e conjunção) motivado por causas fonéticas, representando, assim, mais um caso de mudança encaixada.

Ao longo do capítulo treze, Tarallo retoma as questões da teoria e do método e, junto com objetivos e hipóteses, monta um projeto de pesquisa sobre o problema da subordinação em latim. No capítulo catorze, ele apresenta uma série de 25 textos, que começa com uma narrativa pessoal do século XX, volta ao século XIV, progredindo até o início do século XX. O último capítulo é dedicado a uma retrospectiva de todos os passos que constituíram a viagem pelo túnel do tempo da língua portuguesa.

Fernando Tarallo alcançou pleno sucesso na empreitada que se propôs. "Nosso objetivo principal é, pois, visitar as transformações sofridas pelo nosso sistema linguístico com um programa de observações preestabelecido e com determinadas perspectivas em mente". (p. 61). Ele não escreveu um manual completo da história e estrutura da língua portuguesa mas, sim, abordou tópicos importantes dos níveis de gramática com a firme preocupação de ser fiel a um método e uma teoria determinados (sem se desfazer, no entanto, do saber acumulado existente). Não colecionou uma lista de fenômenos, nem fez uma descrição exaustiva da língua mas, sim, preocupou-se com os processos, exemplificando como se aplicam método e teoria na confecção de uma gramática histórica. Demonstrou uma preocupação didática inteligente: ao final de cada capítulo, há uma série de exercícios, onde o leitor vai além do próprio capítulo, buscando respostas não no livro, mas a partir dele. Apon-tados os caminhos e as ferramentas, fica o convite para que novos aventureiros saiam em busca de novos túneis, em novas viagens.